

Do laboratório ao sofá estofado: equipamento e mobiliário para a saúde e a ciência

From laboratory to upholstered sofa: equipment and furniture for health and science

Sofia Diniz

Instituto de História Contemporânea, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa

João Paulo Martins

Centro de Investigação em Arquitetura, Urbanismo e Design, Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa

Resumo

Para a história do mobiliário do século XX em Portugal é importante estudar os equipamentos de saúde. Hospitais, sanatórios, preventórios, dispensários, instituições de ensino e de investigação, todos eles promoveram a utilização do mobiliário que, em cada momento, foi considerado mais adequado às suas funções. Quer através do recurso a peças de produção em série, quer projetados de raiz para cada obra, os contextos da saúde desempenharam um papel especialmente significativo, merecedor de um olhar atento e transversal.

Os processos de fornecimento de mobiliário e equipamento para os edifícios construídos na região de Lisboa são reveladores não só de práticas e dinâmicas dentro dos organismos do Estado, mas também dos seus intervenientes mais decisivos.

Um dos nomes que neste contexto importa destacar é o de José Luís Amorim. Arquiteto de formação, teve uma obra longa e consistente na qual se incluem edifícios ligados à investigação científica na área da saúde, participando na definição dos respetivos laboratórios e espaços de trabalho, criando uma linguagem alicerçada em décadas de experiência. O seu nome, contudo, tem permanecido à margem da produção historiográfica e a sua obra é suscetível de desaparecer, levando consigo uma dimensão particular do património da ciência e saúde.

Palavras Chave:

Design, mobiliário, laboratórios, arquitetos, produção industrial.

DOI: <https://doi.org/10.25761/anaisihmt.293>

Abstract

For the history of furniture of the twentieth century in Portugal it is important to study health premises. Hospitals, sanatoriums, preventoria, dispensaries, educational and research institutions, all of them promoted the use of furniture which at that moment was considered appropriate to their functions. Through the use of industrially produced objects, or designed from scratch for each building, health contexts played a particular significant role, which deserves a careful and transversal look.

The processes of supplying furniture and equipment for premises built in the Lisbon region reveal not only practices and dynamics within State bodies, but also its most decisive actors.

One of the names it is worth mentioning in this context is that of José Luís Amorim. Trained as an architect, working in public functions at certain periods, he has had a long and consistent career, namely for scientific research premises for health agencies for which he designed laboratories and work spaces, creating a language based on decades of experience. His name, however, has remained on the fringes of historiography and his work is likely to disappear, taking with it a particular dimension of the heritage of science and health.

Key Words:

Design, furniture, laboratories, architects, industrial production.



Figura 1 - Espaço de trabalho laboratorial. Mobiliário para a Sala do Conselho, sofá e poltrona. Projeto de José Luís Amorim, 1955-1958.

Para a história do mobiliário do século XX em Portugal é importante estudar os equipamentos de saúde. Hospitais, sanatórios, preventórios, dispensários, instituições de ensino e de investigação, todos eles foram promotores da utilização do mobiliário que, em cada momento, era considerado mais adequado às suas funções. Quer através do recurso a peças de produção em série, existentes nos catálogos das empresas mais significativas, como a Adico, a Metalúrgica da Longra, a Fábrica Portugal ou a Olaio, quer projetados de raiz para cada obra, os contextos da saúde desempenharam um papel especialmente significativo, merecedor de um olhar atento e transversal. [1]¹

Os processos de fornecimento de mobiliário e equipamento para os edifícios construídos na região de Lisboa são reveladores não só de práticas e dinâmicas dentro dos organismos do Estado, mas também dos seus intervenientes mais decisivos (responsáveis pela obra e pela escolha dos modelos, projetistas e empresas envolvidas nos fornecimentos).

Um dos nomes que neste contexto importa destacar é o do arquiteto José Luís Amorim (1924-1999). Formado em Arte Aplicada na Escola Industrial de António Arroio (1945) [2], J. L. Amorim diplomou-se em Arquitetura na Escola de Belas-Artes de Lisboa em 1956². Embora tivesse mantido um estatuto de profissional independente, sem integrar o quadro do funcionalismo público, desenvolveu uma carreira extensa e consistente de trabalhos para o Estado, em particular junto dos ministérios das Obras Públicas e do Ultramar³.

Como tantos outros profissionais da sua geração, J. L. Amorim foi autor de diversos projetos de mobiliário para edifícios públicos, entre os quais se contam alguns nas áreas da saúde e da ciência. No seu *curricu-*

lum vitae, Amorim assumia e reclamava o projeto de equipamento e mobiliário como uma sua competência profissional, mesmo se de um modo algo secundarizado em relação à restante produção em arquitetura e urbanismo.

Ainda como desenhador, J. L. Amorim trabalhou, em 1943, no projeto de mobiliário para o Hospital Psiquiátrico de Sobral Cid (arquitetura de Luís Benavente, 1902-1993), em Coimbra, e, em 1945, naqueles que eram destinados ao Arquivo de Identificação (arquitetura de Frederico Caetano de Carvalho, 1890-1976) e ao Hospital Júlio de Matos (arquitetura de Carlos Ramos, 1897-1969), ambos em Lisboa.

O projeto de equipamento e mobiliário para o novo edifício do então designado Instituto de Medicina Tropical (1955-1958), com arquitetura de Lucínio Cruz (1914-1999), terá sido um dos primeiros que elaborou com plena autonomia autoral. O processo foi coordenado a partir da Delegação das Novas Instalações para os Serviços Públicos (DNISP), estabelecida no quadro da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, no Ministério das Obras Públicas, que, desse modo, prolongava a experiência adquirida na cons-

1 A obra referida [1] foi publicada na sequência da exposição O Respeito e a Disciplina que a todos se impõe. Mobiliário para edifícios públicos em Portugal, 1934-1974 (MUDE, 2014) e do projeto de investigação intitulado "Móveis Modernos. A atividade da Comissão para Aquisição de Mobiliário no âmbito da Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais" (Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa, com apoio da Fundação para a Ciência e Tecnologia).

2 Após concluído o curso de Arquitetura e cumprido o período de tirocínio (1954-1956) no atelier do arquiteto Luís Cristino da Silva, J. L. Amorim apresentou como prova de Concurso para a Obtenção do Diploma de Arquiteto (CÓDA) o projeto de "Instalações de uma Companhia de Navios Petroleiros", que corresponderá aos edifícios que concebeu para a empresa Soponata, em Lisboa (1953-). [2, 3]

3 J. L. Amorim recebeu diversos encargos do Ministério do Ultramar para projetos de urbanismo e de arquitetura (1958-1961); selecionado em concurso público, foi arquiteto-urbanista da Câmara Municipal de Lisboa (1962-1968). [3]

trução do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (1949-1952; arquiteto Porfírio Pardal Monteiro, 1897-1957). Constituía também uma referência próxima a Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, cujo projeto total – arquitetura e mobiliário – fora realizado por Lucínio Cruz, em 1954-1955, enquadrado pela Comissão Administrativa do Plano de Obras da Cidade Universitária de Coimbra. [4, 5]

No caso do Instituto de Medicina Tropical, projeto e construção foram programados para que o edifício pudesse ser inaugurado por ocasião do VI Congresso Internacional de Medicina Tropical e de Paludismo que ali veio a decorrer entre 5 e 13 de setembro de 1958. A seu tempo, entendeu-se que “o prévio e profundo conhecimento de tudo o que vai ser necessário para o seu funcionamento, e o ponto exato onde haverá que colocar cada elemento, deve ser considerado como um dos problemas fundamentais da obra a resolver”. Tratava-se de conseguir “certeza na elaboração dos estudos, segurança na condução da obra e confiança para os utilizadores que aguardam a sua conclusão”. Para isso, partiu-se de um “programa orientador prévio e minuciosamente elaborado”; de seguida, “durante seis meses, pacientemente”, foram entrevistados “todos os funcionários do Instituto de Medicina Tropical, desde o diretor ao mais modesto dos serventes”, registando-se a informação compilada de modo sistemático⁴. Em setembro de 1955 ficava concluído o “estudo preliminar do Plano de mobiliário do Novo Edifício a construir”. [6] A partir dele, os projetos das redes de instalações elétricas, água, esgotos e gás que serviam as bancadas laboratoriais [7] seriam completados “no reduzido prazo de 3 meses”. [8] Em simultâneo, e usando a mesma base, José Luís Amorim, com o apoio do desenhador Filipe Costa, definia a implantação de equipamentos e mobiliário em todos os espaços do edifício e estabelecia o desenho de todos os modelos considerados. Nas bancadas de laboratório e respetivos móveis de apoio foram aplicados os princípios anteriormente experimentados no LNEC, recorrendo a um conjunto de blocos-tipo modulados, com diferentes valências funcionais (abertos ou fechados; com portas, gavetas, prateleiras...) e grande flexibilidade de combinação, a que se sobrepunham tampos nos materiais adequados aos usos previstos, em articulação com as redes de infraestruturas. [9]

Para os espaços de trabalho, foi criado um programa de modelos diferenciados de secretárias, estantes e armários ajustados a cada utilização específica, e às distintas categorias e níveis dos seus destinatários. Alguns traços formais e construtivos comuns garantiam o sentido de familiaridade do conjunto: um certo despojamento, feito de volumes elementares, compactos e opacos; uma base recorrente,

com rodapé negro; o domínio da madeira.

Mereceram um especial investimento os móveis de assento, que iriam povoar laboratório, aulas, espaços de atendimento do público, zonas de acesso, áreas comuns. De um modo geral, Amorim reinterpretava tipologias tradicionais, com uma formalização moderna, atenta às tendências internacionais do momento. O programa incluía um leque de cadeiras em madeira – com braços, sem braços, base rotativa ou fixa, costas com distintas alturas –, sempre com uma geometria característica, revelada sobretudo no apoio posterior que se desenvolvia em zigzag do solo ao espaldar. As cadeiras para as mesas dos anfiteatros (as designadas “cátedras”) e para os gabinetes das figuras principais tinham assentos estofados, que no caso das primeiras recuperavam o tradicional efeito *capitonné*. Eram igualmente estofados os assentos de conforto: poltronas e sofás para gabinetes; bancos individuais e coletivos, nas zonas de espera.

De todo o programa, os mais surpreendentes seriam os modelos de costas altas, destinados à sala do conselho. Com estofado integral em veludo azul, as suas formas elegantes reinterpretavam o tipo *backwing* (com origem no século XVIII inglês), em linha com algumas tendências de design internacional difundidas desde a década de 1940.

O posicionamento inicial de J. L. Amorim era, desta forma, marcado pelo rigor na avaliação das necessidades, pelo acompanhamento atento e crítico das condições técnicas de produção em fábrica e pela exigência quanto aos respetivos resultados. Amorim estabeleceu aqui um conjunto de princípios, uma linguagem de soluções e um leque de modelos que gradualmente foi maturando e estabilizando, em sucessivos projetos de equipamento e mobiliário, até à década de 1970. As suas intervenções mais tardias, contudo, parecem ressentir-se de uma certa acomodação e conseqüente cristalização em soluções algo desajustadas do seu contexto específico (a escala, os espaços, as tipologias, a geometria...).

Entre as obras na área da ciência com mobiliário da sua autoria destacam-se a Junta de Energia Nuclear (1961), em Sacavém, com arquitetura inicial de António Lino (1909-1961)⁵; a Estação Agronómica Nacional (1962), em Oeiras, com arquitetura de Jorge Segurado (1898-1990) e José Maria Segurado (1923-2011); o Centro de Biologia do

⁴ Esta fase do trabalho foi desenvolvida pelo engenheiro Cavaleiro e Silva, com o apoio de um desenhador. [6]

⁵ Depois da morte do arquiteto António Lino, J. L. Amorim foi responsável pelo projeto integral (arquitetura e mobiliário) de diversos edifícios deste complexo (1965-1980). [3]

Instituto Gulbenkian de Ciência (1964; inaug. 1967), em Oeiras, com arquitetura de Jorge Sotomayor d'Almeida (1924-1996) [10]; o Instituto Nacional de Saúde Doutor Ricardo Jorge (1967-1971), em Lisboa, com arquitetura de António Pardal Monteiro (1928-2012). Com outros tipos de programa devem referir-se a Biblioteca Nacional (1965-1968), em Lisboa, com arquitetura de Porfírio Pardal Monteiro e António Pardal Monteiro⁶; o Palácio de Justiça de Lisboa (1968-1969; inaug. 1970), com arquitetura de Januário Godinho (1910-1990) e João Andresen (1920-1967); a Escola Náutica Infante D. Henrique (1970; inaug. 1972), em Paço de Arcos, com arquitetura de José Costa Silva (1906-2007).

Uma parte dos móveis desenhados por J. L. Amorim terá entrado em produção de série (eventualmente pela fábrica Olaio, responsável por vários fornecimentos para edifícios públicos), sendo disponibilizada no mercado e usada em outros edifícios⁷.

O seu impacto no universo da saúde e investigação científica fica assim demonstrado, num quadro de intervenções

em equipamentos para serviços públicos que é bastante mais abrangente. Contudo, a sua importância, enquanto autor, permanece por divulgar e valorizar, não sendo possível, no estado atual das investigações, apurar a real extensão da disseminação das suas propostas de mobiliário. Muita da sua obra permanece ainda em uso e *in situ*, podendo os equipamentos de saúde e ciência funcionar como repositórios destas memórias e como outros tantos contributos para a consolidação da história do *design* de mobiliário em Portugal no século XX.

6 No caso da Biblioteca Nacional, J. L. Amorim foi responsável pelo projeto de mobiliário da maior parte das áreas de serviços do edifício, ficando os principais espaços públicos e os da direção a cargo de Daciano da Costa. [11]

7 Por exemplo, no Hospital Distrital de Setúbal [12] ou nas instalações do entretanto designado Instituto Nacional da Água (trabalho de campo do projeto de investigação "Móveis Modernos II", 2015). Com alguma frequência, móveis desenhados por J. L. Amorim surgem no mercado do antiquariato moderno, sem que seja possível apurar os circuitos dessas peças, proprietários originais, destino funcional ou empresas produtoras.

Bibliografia

1. Martins JP (ed.). *Mobiliário para Edifícios Públicos. Portugal 1934/1974*. Lisboa: MUDE, Caleidoscópio; 2015.
2. Processo de aluno n.º 002361, Arquivo da Faculdade de Arquitetura, Universidade de Lisboa.
3. Amorim JL. *Curriculum Vitae*. Espólio J. L. Amorim.
4. Lobo S. Cidade Universitária de Coimbra: o desenho de mobiliário na construção de uma obra total. In: Martins JP (ed.). *Mobiliário para Edifícios Públicos. Portugal 1934/1974*. Lisboa: MUDE, Caleidoscópio; 2015. p. 156-174.
5. Lobo S (ed.), *Risco Interior: o desenho de mobiliário na Cidade Universitária de Coimbra*. Coimbra: Anozero, Almedina; 2015.
6. PT DGEMN DNISP: 001-0210/02 TXT 09236769.
7. PT DGEMN DNISP: 001-0210/02 TXT 09236710.
8. PT DGEMN DNISP: 001-0210/02 TXT 09236961-09236970.
9. PT DGEMN: DSARH 007/125-0035/03.
10. O complexo arquitetónico do Instituto Gulbenkian de Ciência. Biblioteca de Arte e Arquivos Gulbenkian, Documento do Mês. 2018.
11. Martins JP (ed.). Daciano da Costa, Designer. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; 2001.
12. *Hospitais Portugueses*. 1959; (abril-maio).